O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO II — N. 18 | Rio de Janeiro, 1 de Outubro de 1917 | **REDAÇÃO** Rua do Senado 215—217 Telefone Central 1499

Comentando os fatos da atualidade

A imprensa mercantilista, essa desprezivel prostituta que se vende a quem melhor lhe pague os seus serviços, procurando justificar perante a opinião publica o barbaro e ignominiozo atentado praticado pela policia paulista contra a livre manifestação do pensamento e liberdade de reunião, está novamente empenhada numa infame e irritante campanha de descredito contra os elementos avançados do proletariado brazileiro. Os Centros de propaganda libertaria foram arbitrariamente assaltados e clauzurados. Honrados, dignos e altivos operarios, que, pela sua envergadura varonil, pela retidão do seu carater, pelo vasto conhecimento que possuem dos problemas economico-sociais, constituem a vanguarda do proletariado militante, foram violentamente prezos, espancados e espulsos do territorio brazileiro. Nada do que ha de mais sagrado, foi respeitado pela horda de cossacos paulistas. Os lares desses proletarios, forão violados, as familias desrespeitadas e quando não prestavam informações seguras sobre o paradeiro das vitimas, os esbirros do capitalismo, despotas e tiranos, apelavam para o argumento contundente.

Pois bem, a imprensa que devia ser o espoente macimo das liberdades humanas conquistadas através da historia a espensas de tantos sofrimentos, apoia e defende toda essa serie de ignominias.

Não é uma decepção para nós, essa atitude. Pelo contrario, nós regozijamos em vel-a tão coerentemente mancomunada com a instituição mais ezecravel da sociedade, atentar contra os mais sagrados direitos individuais.

Não pode ser mais lojico nem mais coerente o procedimento da imprensa capitalista. A missão que lhe está confiada por todos aqueles que defendem a estabilidade do rejimen social prezente, é essa mesma. Ela não pode consentir que haja cerebros esclarecidos, capazes de ver mais além dos limites da legalidade, os alvores de uma sociedade bazeada num principio mais equitativo de justiça e liberdade. Para os jornalistas que esploram a imprensa carioca, o bem estar, a liberdade atinjiu no Brazil ao parocismo. Segundo eles, o proletariado que vive no Brazil disfruta um relativo bem estar, dentro da mais ampla liberdade, e portanto não pode ser suscetivel a propaganda das doutrinas libertarias. Entretanto, nós vemos com que desfaçatez eles levam clamando do Estado, seu amo, medidas ececionais contra os estranjeiros que professam ideas avançadas. Decididamente não ha quem os compreenda. Os libertarios, só constituimos uma serie ameaça para a «ordem» social num paiz em que ha mizeria, em que ha esplorados e em que eziste uma força sistematicamente organizada para manter, pela violencia, o equilibrio do antagonismo de interesses, em que se bazeia o rejimen social vijente. Constituimos uma seria ameaça para a ordem estabelecida, porque ela esta fundamentada sobre a iniquidade. A esploração do homem pelo homem, o rejimen da propriedade privada facilita-nos uma serie tal de argumentos contra essa ordem podre que os trabalhadores facilmente compreendem o que lhes urje fazer para rezolver o problema economico-social.

O que, nós fazemos é constatar e esclarecer a cauza do mal estar dos produtoret. Assim, que na opinião dos jornalistas do Rio, a mizeria no Brazil é um mito; como temer da nossa propaganda em favor de reivindicações que não êm fundamento?

Como temer da nossa permanencia nesta «hospitaleira» terra, de «igualdade» e «bem estar»?

Se ha liberdade, se a organização social no Brazil está fundamentada sobre a igualdade de classes, se, emfim, os trabalhadores têm pão, roupa, habitação e satisfazem amplamente todas as suas necessidades, que pode influir nos seus atos, a propaganda libertaria?

Rezumindo: Se vivemos nesse paraizo que descaradamente é descrito nas colunas dos jornais burguezes, pela conquista do qual propugnam os libertarios, como pode justificar-se a existencia destes?

Os fatos contestam categoricamente toda essa serie de disparates absurdos com que os srs. periodistas pretendem fantaziar a mizeria proletaria e demonstram que o capitalismo com os seus tentaculos opressores, o mesmo no Brazil que na China, na França como na Alemanha, divide a sociedade em duas classes, de interesses diametralmente opostos.

De um lado, os proletarios reduzidos á espressão mais denigrante de mizeria, fomentam as riquezas sociais; do lado oposto, os capitalistas, sem trabalharem, vivem na abastança disfrutando o produto dessas riquezas.

O Estado fundamentado sobre esse principio iniquo, constituido pelos potentados, com toda a sua força a pretesto de manter a «ordem», encarrega-se de garantir pela violencia, metodicamente organizada, o equilibrio social. Pois bem: o anarquismo é uma dedução cientifica resultante das investigações sociolojicas que grandes pensadores têm realizado atravez da historia, desde os primeiros vestijios de agrupamentos humanos. Os defensores da sociedade presente, que acreditam que a intelijencia humana já deu o ultimo golpe na tirania, preconizam que as ideas libertarias são subversivas e perniciosas contra a ordem social e põem em perigo a integridade de um povo.

Nesta propaganda difamadora, os que mais se destacam são justamente os vassalos da imprensa. Entretanto, são tão infelizes na sua argumentação pueril contra ideas tão claras e precizas, que, quanto mais as combatem, o povo mais interes ae demonstra em conhecel-as.

Nós, na nossa critica, não pomos em perigo a integridade de um povo, mas sim a prepotencia do Estado que estaciona o desenvolvimento integral de todos os povos. Atacamos acerbamente o Estado porque nele está consubstanciado o predominio de uma classe sobre outra e não o interesse e a integridade dos povos. Convictos todos os elementos conservadores de que a nossa critica, tarde ou cedo, fará ruir o Estado, libertando os povos da sua tirania, apelam eles para o sentimento nacional dos trabalhadores, aconselhando-lhes o respeito sagrado ao culto da patria e outros sofismas semelhante

Mas felizmente essas ideas «perigozas» cada vez mais se vão acentuando na ordem das coisas. Os homens desaparecem, mas as ideas seguem interruptamente o seu curso. Assim que não será espancando, perseguindo, encarcerando e deportando os propagandistas de uma sociedade bazeada nos principios do comunismo libertario, onde não haja anarquistas nem socialistas, republicanos nem monarquicos, mas sim, homens livres sobre a terra livre, que os pedantes da imprensa, os profissionais da mentira, os esbirros da burguezia, conseguirão esterminar tão nobres e humanitarias ideas de justiça e liberdade. A historia demonstra claramente que uma idea, por mui perseguidos que sejam os seus adeptos, não ha forca capaz de esterminala.

Ela só pode ser vencida por outra mais justa e racional.

Nós dezafiamos a todas as mentalidades que defendem a prezente ordem de coisas, que esponham com o poder de toda a sua intelijencia, um ideal mais puro e mais humano do que é o libertario.

A não ser assim, d'outra forma não seremos vencidos. Não seremos vencidos, porque não nos surpreendemos nem nos atemorizamos com a atitude prepotente e liberticida assumida pela «benemerita» e «heroica» guarda pretoriana paulista, com os aplausos dos vassalos da imprensa.

Não nos surpreende, porque conhecemos perfeitamente os "trucs" maquiavelicos arquitetados pela policia de mão dada com a imprensa, quando periga a «ordem» social. Não nos atemoriza, porque a altivez, o heroismo, a abnegação com que os nossos antepassados preferiram a morte antes que abdicar de tão nobres e humanitarios principios, nos animam a seguil-os protestando sempre, desasombradamente, contra os crimes nefandos do capitalismo e contra todas a e injustiças sociais.

Foram espulsos nove trabalhadores da capital do mais adiantado Estado do Brazil, pelo fato de professarem e propagarem os ideais libertarios. Está por isso terminada a luta social? Não, pelo contrario; com as violencias praticadas contra nós, o povo cada vez mais se aprossima das nossas ideas.

Chicago, Barcelona, Milano e Marselha, são ezemplos frizantes da inutilidade das perseguições.

Querem continuar?

Pois continuem sua faina barbara, que nós esperaremos de pé, olhando altivamente para o futuro, confiando á historia a confirmação da nossa sentença.

R. Rodriguez Martinez

Produção e distribuição

De Malthus para cá, os conservadores de todas as escolas têm sustentado que a mizeria não deriva da injusta distribuição da riqueza, mas da limitada produtividade ou da dificiente industria.

E' certo que a produção em geral e sobretudo a das coisas de primeira necessidade é escassa, insuficiente, quazi ridiculamente pequena perante o que deveria e poderia sêr.

O faminto que passa em frente dos grandes armazens abarrotados de generos alimenticios, aquele que de tudo carece e vê os esforços feitos pelos comerciantes para venderem a mercadoria abundante demais para os pedidos do publico, pode supor que ha produtos em abundancia e que só lhes faltam meios para os poderem comprar. E na verdade, alguns anarquistas, iludidos pelas cifras mais ou menos cabalisticas das estatisticas, e talvez ainda para terem na propaganda um argumento impressionante e de facil compreensão para as massas ignorantes, puderam sustentar que a produção efetiva ecede em muito todas as necessidades racionais, e que bastaria que o povo se apossasse dela para que todos podessem viver na abundancia. E o fato de se darem crises chamadas de superprodução (quer dizer, o trabalho que falta porque os patrões não conseguem vender os produtos que acumularam) ajuda a confirmar na mente da grande maioria essas impressões superficiais.

Mas um pouco de critica fria e serena, faz logo compreender que essa pretensa grande riqueza deve ser uma iluzão.

O que é consumido pela grande massa do povo é insuficiente para satisfazer as mais elementares necessidades: a imensa maioria dos homens come pouco e mal, anda mal vestida, esta mal alojada, mal provida de tudo; muitos morrem, mesmo de fome e de frio. Se na verdade se produzisse o bastante para todos, [illegible] não consome o suficiente, onde se amontoariam então as sobras anuais da produção? E por que inconcebivel aberração os capitalistas, que fazem produzir para vender e ganhar, continuariam a fazer produzir o que não podem vender?

Pela concorrencia que os capitalistas fazem uns aos outros e pela ignorancia em que cada um está sobre a quantidade dos produtos que os outros podem, num dado momento pôr no mercado, pelo espirito de especulação, pela avidez do lucro e por erros de previsão póde acontecer, e muito frequentemente acontece, sobretudo nas industrias manufactureiras onde é mais elastico o poder produtivo, que se produza mais do que aquilo que é pedido num dado momento; mas cedo vem a crise, a suspensão de trabalho a restabelecer o equilibrio: — e afinal, normalmente, só se produz o que se consome. E' o consumo que governa a produção e não o contrario.

Demais, em materia de produtos alimentares, que são os de mais vital importancia, basta ver que terriveis consequencias produz nos paizes agricolas uma colheita perdida, para ficar convencido de que, comendo mal como come a grande massa, apenas se produz o bastante para ir vivendo de ano para ano.

Se a totalidade da riqueza produzida anualmente, da qual, mais da metade vai hoje para o pequeno numero de capitalistas, fosse igualmente distribuida entre todos, a condição do trabalhador pouco melhor ficaria: e ainda, o seu quinhão não aumentaria nas coisas necessarias mas em mil ninharias pouco menos do que inuteis quando não completamente nocivas Quanto ao pão, carne, casas, vestuario e outras coisas de primeira necessidade, a parte que os ricos consomem em excesso ou desperdiçam, repartida entre as massas inumeras não produziria mudança sensivel.

Portanto é insuficiente a produção e urge aumenta-la: estamos d'acôrdo.

Mas porque não se produz hoje mais? Porque há tantas terras incultas ou mal cultivadas? Porque tantas maquinas inactivas? Porque tantos operarios desocupados? Porque não se fazem cazas para todos, roupas para todos, etc., abúndando para isso os materiais e os homens capazes e desejosos de os utilizar?

A razão é clara. E é que os meios de produção, sólo, materias primas, instrumentos de trabalho, não estão nãs mãos dos que teem necessidade dos produtos, mas pertencem como propriedade privada a um pequeno numero de pessoas que d'eles se servem para fazer trabalhar por sua conta, e só na quantidade e na maneira que conveem ao seu interesse proprio.

Hoje o homem não tem direito a nenhuma parte dos produtos pelo simples fato de ser homem: se come e vive é só porque o capitalista, possuidor dos meios de produção, tem interesse em o obrigar a produzir para o poder explorar.

Ora, o capitalista, não tem interesse em desenvolver a produção além dum certo limite: é até, pelo contrario, interessado em que haja sempre uma relativa carestia. Por outros termos, faz produzir em quanto póde vender os produtos mais caro do que aquilo que eles lhe custam, e aumenta a produção em quanto, paralelamente, aumentam os lucros: mas quando vê que para vender devia rebaixar muito os preços e que a abundancia levaria a uma diminuição absoluta do lucro total, detem a produção e até — há mil exemplos disso — destroi uma parte dos produtos disponiveis para aumentar o valor da parte restante.

Por isso, querendo-se que a produção cresça de modo a poder satisfazer plenamente as necessidades de todos, é preciso que ela seja feita justamente em vista das necessidades a satisfazer, e não já para proveito exclusivo dalguns. E' preciso que todos tenham direito a empregar os meios de produção.

Se quem tem fome tivesse direito a tomar o pão, não haveria remedio senão fazer as coisas de modo que houvesse pão para saciar a vontade a todos; e as terras cultivar-se-iam, e os metodos antiquados seriam substituidos por metodos de cultura mais produtivos. Se, pelo contrario, como hoje, as riquezas existentes em meios de produção e em produtos acumulados pertencem a uma classe especial de pessoas, e esta classe provida de tudo, póde mandar fuzilar os famintos que gritam de mais, a produção continuará a deter-se no limite marcado pelos interesses capitalistas.

Em conclusão, a causa da produção escassa é, hoje, a mesquinha distribuição; e se se pretende destruir o efeito é preciso destruir a cauza.

Para que se produza o suficiente para todos é necessario que todos tenham direito a consumir o suficiente.

E assim fica demonstrada a tése socialista que o problema da mizeria é antes de tudo uma questão de distribuição.

Henrique Malatesta

Instruí

A felicidade! Em que consiste essa iluminação? No amor? na saude na riqueza? De que serve que um homem encontre todas essas fortunas invejadas, se por cada homem que as possue há um milhão de homens que as não teem?

Há-de nascer o primero venturoso quando morrer o ultimo desgraçado.

Amantes apaixonados e milionarios sibaritas que no vosso egoismo vos julgais inteiramente felizes, para aumentar ainda mais a vossa felicidade dedico-vos o seguinte idilio gracioso, escolhido agora, e ao acaso, de entre muitos outros que sucedem no vosso paraizo terreal.

* * *

A praça está dezerta. A noite fria como gelo. E enquanto as begónias dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme nas pedras das calçadas.

De dia pede esmola, á noite exige-a. A' hora da missa encontra-se á porta das igrejas, é o mendigo; á hora do crime, encontra-se á esquina das viélas, é o ladrão. De dia traz muletas, de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignominia embrulhada num farrapo. Caiu ali como um fardo de mizeria, estupidamente, brutalmente, mascando prágas.

Donde veio esse homem? Da prostituição, do todo anonimo. Entrou na vida pelo postigo duma róda e hade sair da vida pelo alçapão duma guilhotina. Rompeu dum ventre como um sapo dum esgoto.

A mãe quando o deu á luz não viu o fruto do seu amor, viu a prova do seu crime. Escondeu-o no misterio,

(Continúa na 2.a pagina)

Instruí

(Continuação da 1.a pagina)

como o assassino esconde a sua vitima.

E o pai? Seria um principe ou um refujiado galés? E' indiferente. Em ambos os cazos um bandido.

E do resto que lhe importa a ele! E' um fruto do chão, um fruto pôdre. Vem do estrume e vai para a forca.

Aos dez anos conhecia todos os vicios, ignorando todas as virtudes. Na epoca em que as crianças apanham ninhos ele roubava relojios. Precocidade!... Na idade em que se aprende a lêr ele aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analfabetos, como os morcegos e os chacais buscam os subterraneos ás escuras. Há mais luz nas vinte e cinco letras do abecedario do que em todas as costelações do firmamento. Não teve pai, não teve mai, não teve berço e não teve escola. Germinou como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada da mizeria tem destas gerações expontaneas!

Aos 15 anos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das aljibeiras, tirava libras das gavêtas. Ao principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados...

Seis anos de cadeia: uma formatura em ladroajem.

Quando entrou levava uma gazúa; quando saiu trouxe uma navalha. Foi rapazola e veio tigre. A cadeia enguliu um malandro e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e lécionou-o na facada.

Daí por diante distribuiu o seu tempo deste modo: tres anos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassino sai muitas vezes duma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indijencia, o «Delirium Tremens». Naquele cerebro de perversidade passou um terramoto de loucura.

Por fim ai o tendes. E amanhã, a estas horas, quem saberá? Estará talvez numa guilhotina, dentro duma cóva ou no fundo dum rio. O cutélo, a mizeria e o suicidio disputam-no entre si: tres abutres á espera dum cadaver.

*
* *

Filantropos sociais, respondei-me a isto: — As vossas estatisticas dizem — A instrução diminui a' perversão, quer dizer o alfabeto diminui o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença há um remedio e para o envenenamento há um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a como uma escola. O professor ha de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas dos espiritos como os miasmas dos pantanos. No homem ha duas coisas: — o instinto que é um cégo, e a consciencia que é um farol. As consciencias são as sentinelas dos instintos. A razão é o domador dos apetites.

Como se faz a reparação? iluminando as ruas? Não; iluminando os cerebros. A grilhêta castiga os assassinos, màs não ressuscita os assassinados. Não indemniza, vinga.

Ora muito bem, senhores economistas filantropos.

Se as vossas estatisticas, com a exactidão precisa dum termometro vos declaram que a instrução faz baixar a criminalidade cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se elas vos afirmam, repito, essa verdade indiscutivel, respondei-me claramente, á perpergunta que vos faço.

Dentro duma cadeia há cem analfabetos. Se a sociedade tivesse ensinado a soletrar, esses cem crimes ficariam reduzidos a oitenta. Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte? A sociedade.

Se não admitis a conclusão, rasgai as estatisticas; se a admitis, como creio, fareis o seguinte:

Ha um juri instituido para julgar um assassino analfabeto.

A sentença deve ser esta:

Considerando que as féras não podem andar em liberdade pelas ruas;

Considerando que a miseria do criminoso foi um incentivo para o crime;

Condenamos o monstro a ser metido numa jaula;

Condenamos o ignorante a ser metido numa escola;

E condenamos o vadio a ser metido numa oficina.

Dêm-lhe uma cadeia, um alfabeto e uma ferramenta.

Mas, considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um A B C ao ignorante e um oficio ao mendigo, a soma da ignorancia com a miseria não produziria este resultado: — o crime;

Considerando que a sociedade foi a causa e o bandido foi o efeito;

Condenamos a sociedade a que dê instrução a todas as creanças, e dê trabalho a todos os famintos, aplicando-se mais a evitar os assassinatos do que a rejenerar os assassinos.

Guerra Junqueiro

A Revolução Franceza e as Mizerias da Sociedade atual

Foi no seculo XVIII.

O povo derreava-se sob o pezo da mais vil escravidão, os corações sangravam-se, comprimidos pela angustia e pela vergonha, gritos horriveis, partidos de peitos doloridos, enchiam a atmosféra, aumentando o negror d'aquela tetrica noite, e lagrimas copiozas escorriam pela face escaveirada da plebe faminta, empapando o sólo do paiz dos Francos

Mas todos esses sofrimentos, todos esses brados de aflição, todos esses prantos não eram tidos em conta pelos crapulas coroados, e eram reprimidas pela violencia dos tiranos quaesquer veleidades de emancipação.

O rei e a sua camarilha desperdiçavam milhões com as suas amantes e com um luxo oriental, enquanto que a classe oprimida contorcia-se dezesperadamente, delirando de fome! Já nem um raio de esperança cintilava no cerebro desvairado dos párias d'aquela epoca, que olhavam, tremulos e tristes, para a fortaleza maldita da Bastilha, que se erguia, afrontadoramente, n'uma praça de Paris, como que para impôr silencio aos bramidos da fome.

Tal estado de coizas, não podia perdurar por mais tempo. O odio dos esplorados pelos esploradores crecia de dia para dia, o rei atirava sobre os seus vassalos, já arquejantes de cansaço e de fadiga, tributos pezadissimos, e, cada vez mais, as já escassas particulas de liberdade e de direito que o povo possuia, eram a este arrancadas pelos nobres insaciaveis e crueis. Só uma revolução, grande e sanguinolenta, poderia pôr fim a tão grande iniquidade. Foi o que aconteceu. A polvora fôra introduzida na Europa no seculo XV, e os servos e burguezes já não temiam as outr'ora invenciveis lanças da cavalaria nobre. No dia 14 de julho de 1786, a burguezia parisiense, secundada pelos servos da gleba do resto da França, levantaram-se, ávidos de pão e liberdade, e mostraram ao mundo o valor de um povo quando unido e famelico. A Bastilha fôra destruida e, com ela, a torpe e mizeravel nobreza, que havia martirizado um povo durante seculos.

A servidão dezaparecia, e, das ruinas ainda fumejantes da sociedade antiga, surjia, forte e varonil, a então rizonha e tranquila familia proletariana. Ela nacia confiante ao futuro, certa de que as leis emanadas da Revolução seriam cumpridas, e de que seriam felizes na terra, recebendo o produto integral do seu trabalho...

Hoje, dezenas de anos são passadas, e verificamos, tristes e maguados, que quazi nada adiantaram tantas mortes e tanto sangue derramado! E' que os revolucionarios não haviam destruido os governos, mas, sim, substituido por outros... Os burguezes que haviam sido tão aussiliados na Revolução pelos servos, fizeram estes de degráus e subiram ao poder. E subiram ao poder cheios de orgulho e de arrogancia como a decaída nobreza, e têm vindo tiranizando, através os anos, a infeliz classe operaria, que já não suporta o pezo de tantas infamias.

O antagonismo de interesses aumenta cada vez mais na sociedade moderna, e a luta de classes já toma proporções colossaes.

No Brazil, nós vemos os governantes, verdadeira quadrilha de ladrões, locupletarem-se á custa do suor do povo, roubando descaradamente os cofres da nação, e praticar os atos mais vergonhozos, infames e torpes. Os industriais, que as mais das vezes são estranjeiros, apoiados pelo governo, esploram barbaramente os seus empregados, obrigando-os a trabalhar horas ecessivas, e pagando-lhes um salario infamante, que mal chega para enganar o estomago dos seus queridos filhinhos.

Esses gatunos de cazaca vivem como uns nababos, comendo do bom e do melhor, habitando palacios magnificos, gastando rios de dinheiro com as prostitutas, festas e banquetes, e passeiando de carros e automoveis pelas ruas asfaltadas e embelezadas pelo brazo creador do operario obscuro. Emquanto isso, a plebe, rôta e desprezada, contorce-se em convulsões de desespero e de impotencia, no chão frio e humido das choças mizeraveis em que móram. A' vezes, ela deixa, por momentos, as suas lugubres e horrendas habitações, e vem para defronte dos palacios, coberta de farrapos e com a face palida e espantada, dizer aos potentados que tambem ela quer um lugar do banquete da vida, e que os seus filhinhos têm fome e tiritam de frio. Mas os senhores da terra e do dinheiro a nada ouvem, e aos justos reclamos da pobrezinha, respondem com o sabre, a carabina e a pata de cavalo. Então, ela recolhe-se desconsolada e abatida, aos covis d'onde saiu, reune em volta de si os inocentes filhinhos, e os vê definhar dia a dia, corroidos pelas doenças e pela mizeria.

Ha quantos seculos vêm esses milhões de desherdados arrastando-se pelo mundo, e recebendo insultos e vexames dos grandes e poderozos! Ha quantos seculos eles buscam a liberdade, que foje diante de si, e ha quantos seculos gemem sob o jugo dos tiranos! Quantos têm sofrido! Quanto têm padecido em todas as epocas e em todos os paizes! No Egito encontraram Khêops Kephên e Menkerâ, que os mandaram construir as colossaes piramides que ainda lá permanecem como um atestado da barbaria d'aqueles tempos; na Roma antiga, sofreram o jugo de Caligula e de Nero, na Espanha aturaram o governo despotico do sifilitico Fernando VII, e ainda hoje, em pleno seculo XX, assistem, indignados, no Brazil, as cenas de vandalismo que as policias do Rio e S. Paulo cometem contra eles.

Ainda ha poucos dias o infame e catolicissimo governo paulistano espulsou do territorio brazileiro nove operarios honrados, trabalhadores e intelijentes. Arrancou-os do seio das suas familias, sem que ao menos lhe pudessem atirar um ultimo olhar de despedida e arrojou-os aos porões d'um navio, sem roupa, sem familia e sem dinheiro!

Portanto a obra da Revolução Franceza ainda está por completar: Uma nova Revolução ha-de ser feita, para que se conquiste, afinal, a liberdade. Uma nova Revolução que saneie a terra dos parazitas sociais e que faça a expropriação jeral da burguezia, em beneficio da comuna livre e humanitaria.

Mas antes que chegue essa grandioza Revolução coletiva, revoluções individuais hão de ser feitas. Antes que venha esse dezejado dia do ajuste de contas, a morte de Iñiguez Martinez ha da ser vingada, e os espulsadores dos briozos prizioneiros do "Curvelo", hão de pagar caro a sua estupidez. Assim como cairam Falcon e Pinheiro Machado, assim tambem hão de cair todos os esploradores e bandidos.

27-9-917 **Izauro Peixoto**

Reaja o povo!

A este momento, com toda a certeza, ha de estar se lambendo e relambendo de alegria, a camorra escravocrata que com deslavado cinismo vem de ha muito martirizando, escorchando e vilipendiando o proletariado honesto e consciente das infelizes terras paulistas.

E' que a camorra, de mãos dadas aos gaviões da industria e do comercio, começou a dar execução ao tenebrozo plano que arquitetára, quando do grandiozo movimento emancipador levado a cabo, em julho deste ano, pelo proletariado da Paulicéa.

Naqueles dias de efervecencia, motivada pela justa indignação de toda uma classe que se sentia mizeravelmente esplorada, as autoridades paulistas, tranzidas de pavor, agachadas de medo, acovardadas diante do vigorozo protesto do operariado, a tudo jezuiticamente acederam para acalmar a colera justissima da plebe roida pela fome e torturada por um trabalho ezaustivo e mal remunerado. E, pondo de intermedio a imprensa da cidade de S. Paulo, completamente apavorados, os dominadores fizeram ao operariado ancioso do bem-estar a que tem indiscutivelmente direito, as promessas que se conhecem.

Fazendo-as, entretanto, era intuito decidido e peremtorio dos oligarcas odientos da terra do café, não só desfazerem, passada a tormenta, o compromisso assumido para com os trabalhadores, como tambem perseguirem com a ferocidade do costume, aqueles que mais se tivessem distinguido na campanha ardoroza e veemente contra a estorsão e abuzos inominaveis do capitalismo esplorador.

E o plano de vingança, perfida e maldosamente ruminado pelas lesmas do brio e do carater, que tanto são os salafrarios da corja governativa do Estado de S. Paulo, principiou a ser executado com sanguicedencia de chacaes, para a indizivel satisfação do galgomór Aurelino e demais fraldiqueiros cá da Sebastianopolis famoza, os quaes, como é facil imajinar, hão de estar a fremir de impaciencia por se lhes oferecer ensejo de mostrarem tambem as invejaveis habilidades inquizitoriaes.

Com o empastelamento de "A Plebe" e as prizões e as torturas e as espulsões de homens de mãos calozas mas inteiramente limpas, como as não possuem os mandriões da alta roda, lançou a tropilha tanjida pelos Rodrigues Alves e Altinos Arantes, a luva de desafio ao povo trabalhador.

Que esse povo, assim provocado, levante galhardamente a luva e, com pulso rijo e inda mais rija a vontade, reduza a farelo a prepotencia da camarilha odioza que o desangra de modo tão revoltante!

Que esse povo, assim espezinhado e oprimido tão vejatoriamente, ponha ponto final á serie de enxovalhos e vilezas que tem sofrido, entrando, definitivamente, na posse coletiva das riquezas sociaes por ele produzidas e acumuladas hoje nas unhas de uma minoria parazitaria e voraz!

O direito á vida e a liberdade não se pede, não se mendiga: toma-se, conquista-se, a contra-gosto dos tiranos!

X

A vida da classe

A propozito da regulamentação das horas de trabalho e o descanso semanal

No Conselho Municipal vai se cojitar da regulamentação das horas de trabalho e descanso semanal. Parece que uma lei nesse sentido já foi entregue á comissão de justiça do Conselho. Pois bem. Não vão os companheiros pensar que do *desideratum* do Conselho, aprovando ou reprovando a lei, depende a vitoria deciziva da nossa cauza. Aproveitemos a oportunidade do momento, para despertar do estado de letarjia em que temos permanecido. Hoje mais do que nunca precizamos olhar para o passado. A historia da nossa vida associativa contem tantas desiluzões, que prezentemente bem nos podem servir de aproveitaveis e necessarias lições.

O Centro Cosmopolita, associação reprezentativa dos nossos interesses, no qual temos consubstanciado as nossas velhas aspirações de um melhor estar na sociedade, embora tenha sido, aparentemente, vencido na luta grandioza que atravéz da historia da nossa vida associativa vem mantendo contra o predominio inquizitorial da ignorancia dos nossos esploradores, ainda ostenta orgulhozo, digno e altivo, o seu heroico e invencivel pavilhão, que, tarde ou cedo, ha de infalivelmente acobertar vitoriosamente esta classe liberta. Entretanto, nós, aqueles que tanto temos clamado contra a opressão e a tirania, que infelizmente constituimos uma insignificante minoria em proporção ao numero elevado de individuos de que se compõe a nossa coletividade, devemos ser previdentes, procurando evitar mais uma desiluzão.

Precizamos afirmar a nossa potencialidade associativa, ao mesmo tempo que esperamos a rezolução dos srs. Intendentes municipaes para que a lei não seja mais una das muitas que estão escritas sem valor. Portanto, torna-se necessario que todos aqueles que vão ser benificiados pela lei, se interessem por fazel-a cumprir ao pé da letra. Mas não será discutindo pelos cantos das ruas nem pelos botequins, o melhor modo de contribuirmos para esse fim. Urje nma imediata, eficaz e criterioza medida, sem a qual não acreditamos ser possivel fazer-se nada pratico.

Essa medida urjente deve ser a seguinte: A classe em pezo, num protesto unanime de solidariedade, deve associar-se. Porque devemos convencer-nos de que uma organização de trabalhadores só tem o valor, a importancia e a força que esses mesmos trabalhaderes lhe hipotecam. Um Centro, ou Sindidato, não são entidades dualistas que fazem milagres. A associação só pode conquistar melhoras para uma classe, quando os individuos que a compõem se interessam por ela.

Assim, á diretoria do Centro cabe o direito e tem sobre si a responsabilidade de orientar intelijentemente a classe neste momento.

E' necessario preparar-nos para que a projetada lei não seja mais uma lei somente escrita.

Assembléas do Centro

Nos dias 11, 15 e 18 do mez passado realizaram-se no Centro Cosmopolita, respectivamente, as assembléas convocadas para discutir o relatorio da Comissão de Poderes que é anualmente eleita em assembléa geral para fiscalizar os atos da Diretoria que terminou o seu mandato a 31 de Julho de 1917. Essas assembléas infelizmente foram muito pouco concorridas, o que deveras lastimamos por ver que os associados do Centro continuam a menosprezar os seus interesses, justamente no momento em que todos nós deviamos fundamentar num principio estavel e progressivo a discussão, dos problemas que nos dicem respeito as assembléas que, até hoje, se tem realizado na maior confuzão.

Alguns companheiros que sistematicamente procuram postergar as deliberações das assembléas, adotaram o mesmo procedimento. Para discutir assuntos sem importancia, esses companheiros tomam um tempo precioso; aqueles que tenham que apresentar-se as 5 ou as 6 horas da manhã no serviço. São esses costumes contraproducentes que têm o Centro estacionado, esperando a rejeneração dos nossos costumes prejudiciais. A atitude da Comissão de Poderes representada pelo "leader" Francisco Alexandre nas mencionadas assembléas, não esteve muito de acordo com os metodos que os trabalhadores devem adotar na apreciação de atos praticados por companheiros que ocupam cargos na direção de uma associação, não sempre com a pratica necessaria. O companheiro Alexandre, muito conhecido pelas suas ideias conservadoras, invocando a toda hora a lei, pretendia transformar a assembléa num tribunao burguez para julgar os companhei dò que tinham dirijido os destinos. Centro no periodo do ano findo, pelo

Nós cremos que as diretorias irre simples fato de cometer alguser «proc gularidades, não mer s- sioamslu s -e sadas», quando elas ecem prejudicamo interesses materiais não economicos da coletividade. Isso é u ma questão que depende de pratica, e assim sendo não devemos admirar-nos.

Sobre o relatorio: a nosso criterio, não é de todo uma nulidade, mas tambem devemos dizer que está lonje de ser o que nós esperavamos, dado o tempo que lhe tomou a Comissão.

Para ser o rezultado de dois mezes constantes de trabalhos infatigaveis e confabulações a porta fechada, não recompensa tanto esforço e sacrificio. O relatorio de uma comissão de poderes, em logar de ser um documento cheio de perguntas sem resposta, deve ser um conteudo de iniciativas amplas e progressivas.

Assim como lonje de ser um processo instaurado contra companheiros, deve ser um estudo critico feito com ponderação e criterio.

Caifás, dança de velho

A maioria dos companheiros devem conhecer bem o celeberrimo Caifás que na precedente «encarnação» chamou-se Ignacio Areal. Pois bem. Esse diabo tem pintado a breca nestes ultimos dias. No domingo de manhã, estavamos saboreando uma deliziosa chicara de cafe, quando o vemos passar pressurozo e intranquilo, gesticulando como um idiota. Por curiozidade e como se tratase de una personalidade que se tem celebrizado pelas suas façanhas, acompanhamo-lo de lonje.

O animalzinho debatia as orelhas com uma insistencia tal que chamava a atenção de todos os racionais que passavam. Procuramos indagar o que havia de anormal. Tratava-se de un cazo muito simples. No sabado tinha sido informado pela "A Noite" de que o Conselho Municipal estava cojitando de regulamentar as horas de trabalho e o descanso semanal dos empregados em hoteis, restaurants, cafés, etc.

Ora, isso era um absurdo, uma ignominia. Entrou irritado no estabelecimento e sem tirar o chapeo começa a dar curso ao seu «bom» sentimento de escravocrata, maltratando todos os que lhe apareciam na frente.

Uma chuva medonha de anatemas comezou a cair sobre o Centro Cosmopolita. Centro de vagabundos, dezordeiros, canalhas, enfim, uma serie de disparates. Com uma crizes destas esclamava o Caifás indignado.

E não resta duvida que tem razão. Um dia de descanso por semana e 10 horas de trabalho para os cozinheiros, que estão acostumados a trabalhar 16 horas e anos inteiros sem descansar, é um atentado contra a autoridade do chará do juiz hebreo, que vai ferir os seus interesses de capitalista. E logo nesta crizes que atravessamos!

Pobre homem! O Caifás é um patrão que antes de ezistir essa crizes tão falada e tão esplorada pelos que menos a sentem, dava descanso semanal e 10 horas de trabalho. Mas... a crizes é o diabo. Decididamente o Centro Cosmopolita é levado da breca.

Um cazo interessante

Segundo estamos informados os caixeiros que trabalham na caza Heim, são amantes estremozos do sport. Todas as segundas feiras, discutem acaloradamente a vitoria deste ou daquele club de foot-ball.

Indagando qual o motivo de abraçarem com tanto afinco a cauza sportiva, informaram-nos de que não eram eles que gostavam de discutir uma questão tão impropria para caixeiros de restaurant, mas sim um filhote da caza de nome Henrique que quando não tem que fazer puxa barbante e zás, os bonecos começam a brincar e discutem sobre o foot-ball para lhe "gustar al muchachito". Pobre gente, quanta mizeria moral prezenciamos. Mas não é só isso, eles não discutem somente, pagam tambem a sua respetiva mensalidade de acordo, isto é, forçados pelo diabo do rapaz. E' interessante, parece mentira, mas é verdade. Nenhum deles se interessa com a sua associação de classe. A não ser dois, os restantes todos olham o

Centro Cosmopolita com um certo desprezo, que carateriza sempre os imbecis, os estupidos. Preocupar-se em discutir assuntos da sua classe, isso é para eles um cazo sem importancia. Isto é, se tivesse o seu dono algum 'muchachito" que gostasse de entreter-se em vel-os discutir sobre o Centro Cosmopolita, eles certamente dançariam ao som da muzica, mas do contrario não vale a pena. Pobres homens e tenham barbas na cara... como as honram...

Devem tiral-as e colocal-as em logar seguro.

Um companheiro que dessaparece

A 19 do mez p. p. (quarta feira) faleceu o nosso companheiro Joaquim Fernandes, em consequencia de uma conjestão cerebral. Sentimos profundamente a morte desse companheiro que sempre manifestou ardentes simpatias pelo Centro Cosmopolita.

O seu enterro efetuou-se no dia 20 do mesmo mez, ao qual o Centro Cosmopolita se fez reprezentar.

Liberdade de palavra ou obstrucionismo

Para B. Alonso e A Primo Villarino.

Não deveis estranhar, caros amigos, na qualidade de personalidades em destaque na vida associativa da nossa classe, que inspirado no dezejo de cooperar, na medida do meu insignificante conhecimento, pelas questões associativas, pela obra salutar e impulsiva da rejeneração dos nossos costumes contraproducentes e nocivos, vos traga ao cenario da critica, apontando-vos como principais responsaveis pela dezorientação predominante em todas as assembléas do Centro Cosmopolita. Certamente, vós, com um sorrizo ironico que é peculiar a todos os homens superiores, me recebereis de braços abertos no cenario da critica, talvez como um novato, ao vosso lado; ou do contrario, como um discipulo que jamais conseguiu compreender a fundo as vossas doutrinas, pela sua elevada concepção fiozofica. Entretanto, devo dizer-vos que, não buerendo negar a vossa competencia e o valor pouco aproveitavel da vossa propaganda no nosso meio, não posso aceitar de bom grado ser apontado como vosso aluno.

Não resta duvida que no dia em que eu apareci no Centro, já os estimados amigos punham á dispozição da classe os seus elevados conhecimentos associativos e dispunham do mesmo prestijio que hoje têm na coletividade. Mas isso não é documento suficientemente capaz de convencer-me da utilidade dos vossos esforços. Em todo cazo, apezar de todos os pezares, não duvido de que benevolamente me haveis de ler, e, se tiver a felicidade de me fazer compreender, infalivelmente chegaremos a um acordo satisfatorio. A questão é não desviar a nossa discussão, ou polemica, se é que os companheiros estão dispostos a dizer alguma couza, em resposta ao meu artigo, nas normas da lojica e da razão.

Eu, francamente, não pretendo aqui, nem por sonho, defender o rejimen da rolha na nossa associação. Mas, o que é verdade, é que não compreendo a liberdade de palavra que vós tão tenazmente defendeis. Confesso, que em algumas lutas estabelecidas no Centro Cosmopolita vos colocasteis ao meu lado, mas sem compartilhar jamais das minhas ideias, fazendo simplesmento numero. Assim, não tendo nunca assumido compromisso algum em defender conjuntamente com os companheiros um programa ou uma iniciativa, tenho ampla liberdade de falar claro.

Se o que compreendeis por liberdade de palavra é esse obstrucionismo dissolvente do qual fazeis uzo em quazi todas as assembléas, eu francamente tenho de optar pelo aniquilamento dessas *liberdades* perigozas, visto nos poderem prejudicar os interesses coletivos.

Lonje de mim a idéa, como já disse, de pretender restrinjir a liberdade de palavra no seio das assembléas. Isso seria um absurdo, uma incoerencia ridicula. Depois de tanto me esforçar em abrir brecha nos costumes tradicionalistas e retrogrados sustentados no Centro Cosmopolita por uma maioria conservadora, não deve despertar suspeita a minha atitude. Ela é fundamentada nos mesmos principios que me levarão a fomentar a campanha do jornal.

E' em defeza da liberdade de palavra, que vós ignorantemente deturpais, que eu escrevo verberando o vosso procedimento, pouco compativel com os nossos interesses e com o respeito mutuo que deve predominar em todas as reuniões de trabalhadores que, ligados pelos mesmos laços de mizeria, se congregam para a conquista de melhoras coletivas.

Não se compreende a liberdade de um individuo, quando ela escraviza milhares.

Não se compreende o uzo da vossa liberdade de palavra nas assembléas, porque abusaes da liberdade alheia. Assim, embora continuando a ter-me na categoria de novato, deveis tomar o meu conselho e deixar de martirizar os companheiros que roubam duas ou trez horas ao seu descanso para virem, cansados, assistir á discussão dos problemas que lhes dizem respeito, companheiros esses que não devem estar á mercê do vosso capricho.

Ninguem deve, nas assembléas, submetese ao vosso obstrucionismo dissolvente.

No procimo numero, ocupar-me-ei novamente do assunto.

Um abnegado propagandista

No Restaurant Brazil, ha certos costumes estravagantes. O proprietario, impelido pela crizi, rezolveu que todos os seus empregados paguem integralmente a louça quu quebram no serviço. Esses companheiros, de espinha dorsal muito flexivel, aceitarão de bom grado a deliberação do patrão.

Um deles, não conforme em aceitar pusilanimemente a deliberação absurda e ezecravel do seu amo, fez-se propagandista entusiasta dessa doutrina. Esse companheiro, que segundo informações tem a "alcunha" de «encrenca» ou «chaleira», tão pronto como deixou o serviço fez uma intelijente visita a um patrão seu amigo e participou-lhe o ocorrido, lastimando ao mesmo tempo a situação precaria que os patrãozinhos atravessam.

Pobre imbecil! Abençoado carneiro que tão mansamente te deixas cardar! Mas olha, senvergonha, aceita o pezo da tua covardia e deixa de ser propagandista tão estupido, prejudicando outros companheiros mais dignos E leva-te, sé homem, se queres tratar com eles.

Estás ouvindo, idiota?

Toda a correspondencia destinada a esta seção, deve ser dirijida ao Secretario do Centro Cosmopolita.

Brevemente

Acha-se em confeção nas oficinas graficas do COSMOPOLITA, e aparecerá brevemente, um interessante historico do Centro Cosmopolita, nos seus 14 anos de lutas sociais.

E' um trabalho que, estamos certos, despertará bastante interesse no nosso meio, pois que constituirá balanço verdadeiro da vida, por vezes acidentada, do baluarte das nossas aspirações de bem estar e liberdade, e uma narrativa fiel dos epizodios mais notaveis da vida essociativa.

Cervejaria Brahma

Recomenda as suas afamadas marcas:

Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das aguas de meza

"Caza Rist"

Depozito exclusivo de produtos nacionais

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77 — Telefone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das Aguas de Meza

CERVEJARIA BOHEMIA

Prefiram sempre as nossas cervejas

Vienna, Aurora, Serrana e Petropolis

DEPOZITO GERAL:

RUA SENADOR POMPEU, 296

TELEFONE: 6099 NORTE

ALFAIATARIA SANTOS DUMONS

Especialidade em jaquetas de alpaca e brancas para "garçons" de restaurants, cafés, bars, brasseries, etc., etc. — Preços modicos

192, Rua 7 de Setembro, 192

CENTRO COSMOPOLITA

Séde: RUA DO SENADO 215--217 (TELEFONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hoteis, restaurants clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivais, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade

Atende e chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia